

## A QUESTÃO DO GÊNERO EM *O CASAMENTO DA MINHA MÃE*, DE ALICE VIEIRA

Jucimar Lopes<sup>1</sup> (UFMS)

### Resumo

O objetivo deste trabalho será propor uma reflexão acerca da construção da identidade feminina no romance infanto-juvenil *O casamento de minha mãe* (2005), de Alice Vieira. A discussão e o debate acerca de temas relacionados ao gênero têm sido constantes na realidade contemporânea. Refletindo sobre questões ligadas ao gênero feminino, determinado por princípios patriarcais, percebe-se a formação de inúmeros valores que norteiam o padrão estético e formas de propagação de modelos comportamentais. Nos contos de fadas, por exemplo, a função educativa leva os leitores a perceberem um modelo ideal feminino dentro dos valores e padrões estabelecidos pela sociedade religioso-patriarcal. No contexto atual, alguns movimentos sociais que questionam o estereótipo de mulher, segundo os preceitos patriarcais, têm conseguido visibilidade. Do mesmo modo, na literatura infanto-juvenil pode ser observada a transição de valores sociais em relação ao gênero feminino em algumas obras, que embora recentes, tornaram-se clássicas. Na configuração dessas narrativas, a mulher exerce papel de uma personagem que deixa a posição frágil e passiva e assume um posicionamento ativo no universo literário, adquirindo independência e autonomia. A partir desses pressupostos, será elaborada uma análise da configuração narrativa do romance em questão para verificar como as personagens mulheres são caracterizadas e o papel desempenhado no enredo a fim de representarem modelos femininos para os jovens leitores.

**Palavras-chave:** Alice Vieira. Gênero feminino. Literatura infanto-juvenil. Bildungsroman.

### Introdução

Esse artigo apresenta uma reflexão acerca do processo de construção identitária da narradora protagonista do romance *O casamento da minha mãe*, de Alice Vieira, publicado em 2005. Para tanto, a análise foi desenvolvida a partir da relação estabelecida entre a adolescente Vera e as demais categorias narrativas, conforme a menina lida com conflitos que vão sendo superados ao longo do romance.

O enredo de *O casamento da minha mãe*, sintetizadamente, constitui-se do drama vivido por uma adolescente, Vera, que foi abandonada pela mãe na casa de um

---

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, SED/MS, jucimarlopes@hotmail.com

primo distante quando era um bebê porque não havia sido planejada e atrapalharia sua carreira profissional.

A narrativa em *ultimas res* tem como narrador protagonista Vera, quando já se encontra na fase da adolescência. A festa de casamento de sua mãe a motiva lembrar seu passado por meio de imagens e acontecimentos que marcaram desde sua infância até o presente momento da narrativa. O desfecho traz a esperança de um futuro melhor para Vera, que realizará seu sonho de infância de viver ao lado da mãe.

A autora do romance analisado, Alice de Jesus Vieira Vassalo Pereira da Fonseca, nasceu em Lisboa em 1943 e é considerada uma das mais importantes escritoras portuguesas que atuam na produção literária infanto-juvenil. Sua produção literária soma mais de 50 livros infanto-juvenis, 12 voltados para adultos e 7 em parceria com outros escritores, dentre os quais, recebeu vários prêmios nacionais e internacionais.

Devido a crescente visibilidade que a obra literária de Alice Vieira tem adquirido, propomos uma leitura com viés para a questão do gênero em seu penúltimo romance *O casamento da minha mãe*, publicado em 2005, o qual embora não faça parte do rol de títulos premiados da escritora, foi recomendado pelo Plano Nacional de Leitura (PNL).

O romance selecionado para análise nesse artigo foi objeto de estudo da pesquisadora Carvalho na Universidade de Aveiro, Portugal, em 2012. A temática desenvolvida versou sobre a adolescência e o feminino, especificamente, nas duas últimas publicações de Alice Vieira, quais sejam, *O casamento da minha mãe* (2005) e *Meia hora para mudar minha vida* (2010). Segundo ela, a análise revelou que as protagonistas dos respectivos romances passam por problemas socioafetivos e tentam, em meio a uma vida desafortunada, construir sua identidade.

Devido a lacuna provocada pela falta de aprofundamentos teóricos, a perspectiva que adotamos neste artigo evidencia o processo de construção de identidade da adolescente Vera, narradora protagonista, a partir de uma vertente mais atual do conceito de *bildungsroman*, especificamente, ao amadurecimento pessoal.

## 1 O bildungsroman

O conceito de bildungsroman tem sua origem no cenário alemão dos últimos anos do século XVIII. Trata-se de um gênero romanesco imbricado das questões ideológicas presentes nesse contexto específico e, desse modo, representa no plano literário a insatisfação presente naquela realidade.

Ressalta-se o fato de que o romance enquanto arte literária também germina nesse momento, “A formação do jovem de família burguesa, seu desejo de aperfeiçoamento como indivíduo, mas também como classe, coincidem historicamente com a cidadania do gênero romance” (MAAS, 2000, p. 13).

À parte o devido aprofundamento das circunstâncias políticas e ideológicas que marcaram o Romantismo enquanto expressão literária e as características da obra romântica, o bildungsroman é contemporâneo ao fortalecimento do romance burguês. No plano literário, ambos representavam os valores e os ideais da classe burguesa.

A configuração da sociedade alemã nesse momento histórico obedecia a uma estruturada rigidamente definida. Desse modo, a burguesia e a aristocracia alemãs eram duas classes sociais com direitos desiguais, embora partilhassem o mesmo espaço.

Devido a essa organização social, os indivíduos burgueses só poderiam desenvolver um rol de ações em detrimento de outras, que eram específicas da aristocracia. No entanto, o fortalecimento da burguesia, no âmbito econômico, contribuiu para dar início a uma insatisfação, caracterizada pela aspiração a mais direitos.

Em termos gerais, o romance *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* (1795-1796), de Goethe, abordou essa tensa questão que marcou o final do século XVIII na Alemanha. O romance goethiano que deu origem aos princípios do bildungsroman abordou as problemáticas sociais por que passava a sociedade alemã da época, retratando os anseios da sociedade burguesa. Uma classe social emergente, que aspirava um lugar na estrutura hegemônica aristocrata.

O romance de Goethe sustenta-se por sobre um programa narrativo que, *grosso modo*, pode ser apresentado como a trajetória de um jovem filho de família burguesa em busca dos próprios ideais, em busca do livre desenvolvimento de suas aptidões e daquilo que considera suas tendências, ou sua vocação (MAAS, 2000, p. 34).

O protagonista de Goethe, Wilhelm Meister, é caracterizado como um jovem burguês que se vale de várias estratégias para superar as expectativas esperadas para indivíduos que pertencem a sua classe social. Essa superação vai além do que pode ser conquistado em termos materiais, ou seja, diz respeito ao desenvolvimento pessoal. Desse modo, a busca do protagonista está relacionada a um aperfeiçoamento ligado a subjetividade humana.

Afora as condições históricas do século XVIII na Alemanha que desencadearam o surgimento do *bildungsroman* e suas respectivas características romanescas, posteriormente, em outros cenários, houve o alargamento de suas fronteiras semânticas, distanciando-se cada vez mais dos valores que circundavam o termo original.

A grande circulação do termo *Bildungsroman* pelas literaturas nacionais europeias, e, mais recentemente, também pelas americanas, levou a uma superexposição do conceito. O recurso ao *Bildungsroman* passou a ser uma estratégia teórica e interpretativa capaz de abarcar toda produção romanescas na qual se representasse uma história de desenvolvimento pessoal (MAAS, 2000, p. 24)

O termo *bildungsroman* passou por um processo de transformação conceitual, a ponto de ser entendido como quaisquer romances em que o protagonista passa por um desenvolvimento pessoal no desenrolar da narrativa, sem qualquer relação com os valores ideológicos que permearam sua origem.

Nas últimas décadas, em termos gerais, o conceito teórico de *bildungsroman* tem sido usado nos romances para representar o aperfeiçoamento individual, a construção da identidade ou a formação humana. Desse modo, uma personagem desajustada é apresentada ao leitor no início da narrativa, passa por um processo de amadurecimento pessoal e no desfecho, atinge o grau de aperfeiçoamento que lhe faltava.

## 2 O protagonismo feminino

Pinto (1990) desenvolve uma reflexão acerca das características relacionadas ao bildungsroman feminino a partir da leitura do papel desempenhado pelas protagonistas femininas na literatura em quatro obras brasileiras, quais sejam, *Amanhecer*, de Lúcia Miguel Pereira, *As três Marias*, de Raquel de Queiroz, *Perto do coração selvagem*, de Clarice Lispector e *Ciranda de Pedra*, de Lygia Fagundes Telles.

Para iniciar sua reflexão, Pinto (1990) pontua as transformações conceituais que o bildungsroman sofreu ao longo de seu processo de adaptação a novos contextos. Em suas considerações, os elementos típicos desse tipo de romance estão vinculados às

[...] conseqüências de eventos externos sobre o herói, registrando as transformações emocionais, psicológicas e de caráter que ele sofre. Há uma ênfase, portanto, no desenvolvimento interior do protagonista como resultado de sua interação com o mundo exterior (PINTO, 1990, p. 10).

A ênfase dada no conceito de bildungsroman está relacionada ao amadurecimento da personagem ao longo do romance, conforme lide com situações que atinjam diretamente seu estado emocional, interferindo na subjetividade do indivíduo de modo que provoque alterações no eu.

Uma questão mencionada por Pinto (1990) relacionada a esse gênero romanesco é a ausência da figura feminina como personagem que amadureça intelectualmente ao longo da narrativa. Segundo ela, nos romances que o feminino tinha espaço, a

[...] aprendizagem se restringia à preparação da personagem para o casamento e a maternidade. [...] Antes do aparecimento do romance “neofeminista”, segundo Morgan, os poucos exemplos de “Bildungsroman” femininos que focalizavam o desenvolvimento *pessoal* – ou seja, psicológico, emocional e intelectual – da protagonista terminavam constantemente em fracasso (PINTO, 1990, p. 13)

O papel desempenhado pela figura feminina no bildungsroman seguia os valores patriarcais, ou seja, era restrito ao ambiente doméstico. O aprendizado feminino estava limitado ao casamento e a maternidade e os romances que traziam protagonistas que tentavam romper com esse padrão estavam fadadas a terem suas expectativas fracassadas no desfecho da narrativa.

Esse tipo de romance reflete a organização social da sociedade patriarcal, em que o homem e a mulher têm seus papéis sociais pré-definidos. Segundo Pinto (1990), a partir dos anos 80, houve uma breve redefinição do gênero bildungsroman, cujas narrativas apresentariam

[...] infância da personagem, conflito de gerações, provincianismo ou limitação do meio de origem, o mundo exterior, autoeducação, alienação, problemas amorosos, busca de uma vocação e uma filosofia de trabalho que podem levar a personagem a abandonar seu ambiente de origem e tentar uma vida independente (PINTO, 1990, p. 14).

No entanto, tais inovações temáticas não implicaram diretamente no que concerne ao protagonismo feminino nesse tipo de romance. Mesmo que haja uma tentativa de resistência a esses princípios e a mulher consiga transgredir as imposições sociais ao longo da narrativa, no desfecho a harmonia é apenas sugerida, sem realização plena.

Enquanto em ‘Bildungsromane’ masculinos – mesmo em exemplos modernos – o protagonista alcança integração social e um certo nível de coerência, o final da narrativa feminina resulta sempre ou no fracasso ou, quando muito, em um sentido de coerência pessoal que se torna possível somente com a *não* integração da personagem no seu grupo social (PINTO, 1990, p. 27).

O tradicionalismo patriarcal interfere diretamente no desfecho das narrativas em que o protagonismo feminino aparece, tanto nos romances escritos por homens quanto por mulheres. O bildungsroman que apresenta o amadurecimento feminino oferece a sua protagonista um destino fadado a desintegração social. Tal desfecho é o reflexo do que se esperaria nas relações gênero de uma sociedade patriarcal, aproximando o universo literário da realidade.

No que tange às questões sociais referentes ao gênero feminino, determinadas por princípios patriarcais, percebe-se a formação de inúmeros valores que norteiam o padrão estético e formas de propagação de modelos comportamentais que são cobrados da mulher e podem ser vislumbrados em obras literárias. Nos contos de fadas, por exemplo, a função educativa leva os leitores a perceberem um modelo ideal feminino dentro dos valores e padrões estabelecidos pela sociedade religioso-patriarcal.

A sociedade contemporânea é marcada pela discussão e o debate acerca de temas relacionados ao gênero, tema que tem adquirido força, particularmente, a partir dos anos 50. Diversos movimentos sociais abordam essa temática sob vários ângulos analíticos, principalmente, no que concerne as relações de poder estabelecidas entre os sujeitos envolvidos nessa situação de conflito.

Nesse contexto, alguns movimentos sociais que questionam o estereótipo de mulher, segundo os preceitos patriarcais, têm conseguido espaço e visibilidade na sociedade. Paralelamente, tal situação pode ser percebida na configuração narrativa de alguns livros literários contemporâneos, visto a literatura caracterizar-se como uma manifestação artística de determinado momento histórico.

Na literatura infanto-juvenil pode ser observada a transição de valores sociais em relação ao gênero feminino em algumas obras, que embora recentes, tornaram-se clássicas. Na configuração dessas narrativas, a mulher exerce papel de uma personagem que deixa a posição frágil e passiva e assume um posicionamento ativo no universo literário, adquirindo independência e autonomia.

Santos (2009) desenvolveu um estudo acerca do livro *Bisa Bia Bisa Bel* (1981), de Ana Maria Machado, focando a representação do feminino na caracterização das personagens Bisa Bia e Bisa Bel. Segundo a pesquisadora, Isabel, personagem protagonista, é uma adolescente que constrói sua identidade conforme se depara com dois universos femininos diferentes: o primeiro, de sua bisavó, típica mulher do século XIX; e o segundo, de sua bisneta, uma mulher moderna do século XXI.

Nessa perspectiva, a configuração narrativa de *O casamento de minha mãe* (2005), de Alice Vieira, também permitiria uma reflexão acerca da construção de identidade de Vera, protagonista do romance, a partir da análise do lugar social feminino ocupado pelas personagens dona Elisa, Niki Athouguia, dona Eglantina e dona Henriqueta.

### **3 Personagens**

Há algumas questões relevantes a serem consideradas na análise das personagens de um romance, as quais estão sob o prisma da diferenciação entre o

universo da ficção e a realidade, que é apenas o referente daquela. Candido (2014 et al.) realiza uma discussão teórica acerca da diferença crucial existente entre a natureza humana e a ficcional, considerando que no romance “[...] as personagens obedecem a uma lei própria. São mais nítidas, mais conscientes, têm contorno definido, - ao contrário do caos da vida – pois há nelas uma lógica preestabelecida pelo autor, que as torna paradigmas e eficazes (CANDIDO et al., 2014, p. 67).

Partindo do pressuposto que o universo literário obedece a leis próprias, as quais vão conceder verossimilhança a um romance, a personagem é um elemento crucial na configuração narrativa pois, “O enredo existe através das personagens; as personagens vivem o enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuitos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam” (CANDIDO et al., 2014, p. 53-54).

A dinâmica do romance exige a presença de personagens atuando na configuração do enredo e, desse modo, propicia sentido ao romance. Candido (2014 et al.) recorre aos pressupostos de Forster na classificação dessa categoria narrativa para traçar sua crítica em relação a personagem de ficção. Segundo ele, as personagens podem ser divididas em dois grupos, quais sejam, planas e esféricas.

Ao desenvolver o conceito de Forster de que “As personagens planas [...] são construídas em torno de uma única ideia ou qualidade; quando há mais de um fator neles, temos o começo de uma curva em direção à esfera” (CANDIDO et al., 2014, p. 62), Candido (2014 et al.) pondera que as personagens devem ser classificadas de acordo com o grau de complexidade de sua caracterização.

Em *O casamento da minha mãe*, as caracterizações das personagens dona Elisa, Niki Athouguia e dona Eglantina são construídas de maneira a contemplar tanto os princípios patriarcais quanto feministas, refletindo os possíveis espaços sociais ocupados pela mulher na sociedade contemporânea. Ao se relacionar com essas mulheres, Vera vai construindo sua identidade no decorrer do romance.

Dona Elisa faz parte da geração mais velha das três personagens femininas e representa uma mulher que possui um comportamento típico dos princípios patriarcais. Na juventude, nutria o sonho de entrar para um convento, mas as circunstâncias acabam direcionando-a ao casamento com seu Fernandes.



A caracterização de dona Elisa é embutida dos preceitos patriarcais, representando a mulher casta, que deseja se manter pura com o ingresso na vida religiosa. A bondade inata que a leva pelo caminho da religião é a mesma que a leva a contrair matrimônio, “[...] ela de enxoval pronto para entrar no convento, e o Sr. Fernandes a atravessar-lhe o caminho e a convencê-la a trocar a austeridade de uma cela por um casarão no meio de um pátio, a precisar urgentemente de quem tratasse dele” (VIEIRA, 2005, p. 24).

Não foi o amor físico que fez dona Elisa desistir de sua vocação de freira para se casar, mas a necessidade que o futuro marido tinha de alguém que o auxiliasse. Além disso, ao lado de seu Fernandes, essa personagem é a responsável pela educação de Vera.

Paradoxalmente, as mesmas atitudes e ações que a caracterizam como uma pessoa boa, revelam uma imagem negativa, pois seu Fernandes e Vera são constantemente culpabilizados por dona Elisa por representarem uma fonte de martírios em sua vida.

Dona Elisa não percebia muito de casamentos. Apesar do conforto e do casarão em que vivia, por vezes ainda recriminava o Sr. Fernandes por tê-la desviado do caminho da santidade que devia ter sido o seu. Freira, freira era o seu destino, e não a mulher de um homem de coração mole, que não soubera impor-se como devia quando a <<pecadora>> de uma prima (<<afastadíssima>>, diz sempre) lhe veio pedir ajuda com o <<pecado>> nos braços (VIEIRA, 2005, p. 72).

A frequência<sup>2</sup> com que as acusações aparecem na narrativa é numerosa, provocando ligeira desarmonia com o aspecto bondoso dessa personagem. Seu Fernandes é considerado pela esposa como o responsável por tê-la tirando dos caminhos da consagração religiosa. Vera, por sua vez, representa uma fonte de martírios que deve ser suportada para que dona Elisa possa ser merecedora do reino dos céus.

O acontecimento em que a falta de caridade de dona Elisa fica evidente para a protagonista ocorre no ambiente escolar, quando se depara com essa personagem no momento em que é convocada a dar explicações ao conselho diretivo de sua escola

---

<sup>2</sup> Segundo Genette (s.d, p. 33), a frequência está relacionada a quantidade de repetição da história e as da narrativa.

acerca de seus bilhetes e cartas comprometedoras que foram descobertos por sua professora.

- Agora, minha menina, vais explicar diante dos teus professores o que significa tudo isto!

Olhei para Dona Elisa.

Nunca ela falara daquela maneira. Nunca ela gritara tanto. Sempre esperei que uma ex-possível freira se portasse com maior compostura, e tivesse mais condescendência em relação aos erros dos pobres pecadores à sua volta.

De repente ela atira-me com um molho de papéis à cara. E é então que percebo tudo. (VIEIRA, 2005, p. 128).

Em sua narração das circunstâncias que permearam a descoberta de seu grande segredo, baseado na invenção de que mantinha relações afetivas com outras pessoas, Vera faz uma crítica ao comportamento apresentado por dona Elisa diante de tal revelação. A protagonista coloca em dúvida a vocação religiosa que tanto dona Elisa vociferava ter, pois se assim fosse, deveria ser benevolente com o próximo.

Além disso, segundo Vera, a concepção de amor para dona Elisa era de um sentimento inútil, o que justificava a ausência de afeto entre ambas.

Para Dona Elisa, as pessoas existiam não para se amarem de longe mas para se fazerem muitos sacrifícios por elas. Só assim se ganhava o céu.

E sacrifício não tinha nada a ver com gostar ou deixar de gostar. Ninguém ia para o céu por gostar das pessoas. Por isso, para quê perder tempo e energias com sentimentos inúteis (VIEIRA, 2005, p. 17).

Num paralelo, dona Elisa apresenta um comportamento parecido com o de dona Inácia, personagem de “Negrinha”, de Monteiro Lobato. Ambas as senhoras são convictas religiosas, mas suas ações destoam da bondade recomendada nos preceitos cristãos.

Por outro lado, a personagem Niki Athouguia, mãe biológica de Vera, em relação a dona Elisa, representa um avanço nas conquistas femininas. O fato de ter sido mãe antes do casamento, a inserção no mercado de trabalho, ter vários namorados até contrair matrimônio com Ricardo, remetem a uma mulher que foge aos padrões patriarcais, que tem por princípio a virgindade feminina até o casamento e suas funções ficam restritas ao ambiente doméstico.

A decisão de deixar Vera aos cuidados do casal de idosos, que eram parentes distantes, distorcem o instinto maternal atribuído às mulheres na sociedade patriarcal. Por mais que tenha sido deixada num momento de dificuldades financeiras, posteriormente, quando consegue uma vida estabilizada devido ao seu trabalho de modelo internacional, não busca Vera para viverem juntas.

Outra questão característica de Niki Athouguia ligada ao contexto de luta das mulheres são os vários namorados que passam por sua vida. Vera se mantém atualizada sobre as notícias relacionadas a vida amorosa de sua mãe por meio das publicações da revista Estampa.

Mas pelo menos sabia tudo o que lhe ia acontecendo, apenas pela leitura dos cabeçalhos:

<<Niki Athouguia em Bora-Bora com Steve Cormak>>

<< Niki Athouguia na vernissage da exposição de pintura de Luís Feliciano>>

<<A pintura para mim é uma terapia – diz Niki Athouguia depois de um fim-de-semana com Luís Feliciano em Cancun>>

<< Niki Athouguia assume relação com Luís Feliciano: é o homem da minha vida>>

<< Niki Athouguia e Luís Feliciano planeiam casar e ter muitos filhos>>

<< Niki Athouguia voa para Nova Iorque para assistir ao lançamento do livro de fotografias de Steve Cormak>>

<< Niki Athouguia na Disneylândia com os filhos de Steve Cormak: Linda e Patrick sempre me aceitaram muito bem>>

<< Niki Athouguia e Steve Cormak planeiam casar e ter muitos filhos>>

<< Luís Feliciano: não é fácil esquecer Niki Athouguia mas a Zara Mayer tem-me ajudado muito>> (VIEIRA, 2005, p. 73).

Além dos dois namorados mencionados nesse fragmento, a mãe de Vera ainda teve um relacionamento amoroso com Duarte, com quem quase se casou, e com Zé Lucas, por quem a protagonista também se apaixonou e fantasiou um romance. Diante disso, percebe-se que Niki Athouguia superou os pudores de uma mulher conservadora e possui controle sobre sua sexualidade.

A liberação sexual foi tema muito discutido na década de 50 e a configuração do livro permite uma leitura da mãe de Vera segundo esses novos princípios e valores ideológicos. A inserção no mercado de trabalho foi essencial para que as mulheres e, no universo ficcional, Niki Athouguia, pudessem assumir tais comportamentos. “A tua mãe é modelo de uma agência muito importante, eu diria mesmo da agência mais importante

da Europa e, por isso, anda sempre a correr de um lado para o outro” (VIEIRA, 2005, p. 80).

Desse modo, por mais que essa personagem não seja a protagonista da história, parece ter importância singular na discussão sobre o lugar social contemporâneo do gênero feminino no livro. Niki Athouguia representa uma mulher que sai do ambiente doméstico para o mercado de trabalho e possui controle sobre sua sexualidade.

No entanto, a inserção no mercado de trabalho dessa personagem ocorre no mundo da moda que, tradicionalmente, privilegia uma estética padrão e acaba por excluí-la. Niki tem consciência de que sua área de atuação apresenta algumas restrições “- Já não tenho vinte anos e essa vida não dura para sempre” (VIEIRA, 2005, p. 8). Mais que o sonho do casamento, o peso da idade é fundamental no destino dessa personagem, o qual configura o grande motivo que a levou a abandonar a carreira de modelo interacional e se casar.

Por outro lado, Vera é caracterizada como uma adolescente abandonada pela mãe aos cuidados de um casal de idosos que são parentes distantes. A ausência da mãe, estar fora dos padrões de beleza exigidos pela sociedade e a falta de carinho dos pais adotivos marcam a infância dessa personagem de traumas. Na tentativa de suportar a dor de se sentir rejeitada, cria um mundo de fantasias para viver grandes aventuras e, assim, lidar com sua triste realidade.

A sensação de abandono, por mais que a mãe faça visitas esporádicas quando traz o montante cobrado por Dona Elisa para cuidar de Vera, aflige a menina ao longo de sua primeira infância e pré-adolescência. Esse fato, somado a autoimagem da protagonista ao declarar “Eu sei que sou gorda, e que como chocolates de mais, e que não consigo muito boas notas na escola, e que tenho os pulmões atrofiados, e que, segundo diz a Dona Elisa, não sou bem, bem normal” (VIEIRA, 2005, p. 84)., distanciam-na do padrão estético ideal construído no imaginário social e contribui para romper com os valores ideológicos propagados nos contos de fadas tradicionais.

O príncipe encantado, representado por figuras masculinas que Vera se depara ao longo da vida, seja na escola ou nos relacionamentos amorosos da mãe, participam apenas dos sonhos e fantasias da personagem protagonista. Nesse contexto, a

adolescente opta por não separar o universo da fantasia e sua realidade imediata, experienciando aventuras nos pontos de intersecção desses dois universos.

No entanto, o dia em que ocorreu “aquela vergonha no Conselho Directivo da escola” (VIEIRA, 2005, p. 23)., representa o momento em que Vera é forçada a reconhecer, de uma vez por todas, que suas aventuras fazem parte de um universo imaginário e aceitar a realidade. Sendo assim, a fogueira com pertences da pré-adolescente, a qual dona Elisa preparou no pátio da casa onde moravam, representa o rito de passagem da menina. Nesse sentido, aos poucos Vera vai amadurecendo, pois, a maturidade lhe é conferida à medida que supera o mundo da fantasia e aceita a realidade.

A data do casamento de Niki Athougua retrata o acontecimento que marcará a transição entre dois estágios da vida de Vera: o primeiro marcado pela ausência da mãe, portanto, traumático e; o segundo, pela presença materna, com perspectivas de superação. Nesse dia, a narradora protagonista lança um olhar para o passado na tentativa de superá-lo. Conforme Sales (2007), Vera, por meio de um olhar crítico em relação a seu passado, busca compreender os sujeitos que o compunha.

Resumidamente, as três gerações de mulheres apresentadas na configuração narrativa permitem uma reflexão acerca dos padrões tradicionais e modernos em relação ao gênero feminino. Dona Elisa, uma senhora que ainda está restrita ao ambiente familiar; Niki, uma mulher que rompe os limites do âmbito doméstico e perfaz a figura de uma profissional de sucesso; e Vera, a mais jovem, que a partir dos modelos femininos anteriores, vai formando sua personalidade através de um autoconhecimento advindo da reflexão crítica acerca de seu passado.

Nessa perspectiva, a concepção da narradora protagonista acerca do perfil da mulher pode ser observada pela caracterização que a própria Vera atribui a dona Eglantina. No retrato que Vera optou por representar sua avó tinha a imagem de uma mulher

De pé, muito direita, enfiada num longo vestido preto de gola branca, segurando as rédeas de uma carrocinha castanha, diante de um campo de trigo, com ar de quem tinha mesmo acabado de dizer para o meu avô: <<São horas da ceifa, Januário>> (VIEIRA, 2005, p. 60).

A configuração da fotografia em que Vera havia idealizado sua avó representa uma mulher que lidera os negócios da família. A posição estratégica de dona Eglantina à frente da carroça, diante do campo de trigo e chamando o marido para o trabalho remete ao comando feminino.

Além disso, a protagonista declara que

Fiquei muito tempo a olhar para ela, tentando entender por que razão o meu avô não estava a seu lado. Pelos vistos era tradição da família: mulheres para um lado e homens para o outro. O meu pai andava sabia-se lá por onde, e o Sr. Fernandes raramente estava ao lado de Dona Elisa. Homem é assim mesmo. Tem de pensar na vida. As mulheres, como trabalham muito, nunca têm tempo para pensar nessas coisas (VIEIRA, 2005, p. 60).

A protagonista não prefigura um casal, mas apenas a mulher, para representar seus avós fictícios. No entanto, Vera está consciente desse processo e reflete sobre a ausência da figura masculina em todas as esferas de sua vida, seja no universo fantástico ou real; ao lado de dona Eglantina ou dona Elisa e sua mãe.

Para Vera, a hipótese para esse fato vem da generalização de que homem gosta de pensar na vida, atitude compreendida pela adolescente como sinônimo da passividade. Nessa perspectiva, a atitude masculina é contraposta a da feminina, uma vez que a mulher não possui tempo para “pensar na vida”, tal qual o homem, pois trabalha muito.

Dona Eglantina representa um ideal feminino para Vera, pois é nela que a narradora protagonista escolhe e concentra as características dos estereótipos de mulheres que conheceu ao longo de sua vida. A emancipação da mãe, somada aos princípios tradicionais e conservadores de dona Elisa, caracterizam essa avó fictícia e permite vislumbrar como a protagonista constrói a imagem de uma mulher.

Quando dona Henriqueta entra na vida da protagonista, uma vez que será sogra de Niki Athougua e dividirá a futura casa com os recém-casados e Vera, o ideal de mulher construído pela protagonista no universo ficcional é concebido na realidade da narrativa. Depois de travado o diálogo entre as duas, Vera percebe que a mãe do noivo representa no plano real as qualidades atribuídas a dona Eglantina em sua imaginação.

Dona Henriqueta é caracterizada como uma senhora moderna, usa maquiagem, saltos altíssimos, *écharpe* cor-de-rosa. Em termos de valores

- Eu já disse ao Ricardo que vou viver lá para casa, mas vou fazer a minha vida, e ele não vai mandar em mim, e se me apetecer vestir de cor-de-rosa dos pés à cabeça, por que não? [...]

- E ele que nem pense em andar atrás de mim o tempo todo – continua ela. - Tenho meu tempo muito preenchido, por isso ele que não conte comigo para ser fada do lar que ele às vezes pensa que eu sou. E que eu, felizmente, nunca fui (VIEIRA, 2005, p. 138).

Dona Henriqueta é caracterizada como uma senhora que possui os valores assimilados pela protagonista como ideais do espaço social feminino ocupado na sociedade a partir de sua experiência com dona Elisa e Niki Athouguia. Desse modo, sua avoastra, grau de parentesco atribuído a essa personagem de acordo com a imaginação de Vera, representa a síntese de seu modelo de mulher.

As relações que Vera estabeleceu com os diferentes paradigmas femininos ao longo do romance, impactaram no processo de construção de sua formação ideológica, repercutindo, dentre as duas possibilidades, num padrão que foge ao tradicionalismo patriarcal.

Por esse motivo, Vera, por sua própria iniciativa, transfere a figura da avó fictícia para dona Henriqueta, uma vez que o ideal feminino da protagonista pode ser resumido em sua nova amiga, que se torna sua referência feminina.

### **Considerações finais**

A partir da proposta atualizada do conceito de *bildungsroman* feminino, conforme preceitos teóricos desenvolvidos por Pinto (1990), a análise do romance *O casamento da minha mãe* (2005), de Alice Vieira, permitiu concluir que o processo de formação da identidade de Vera vai se consolidando conforme a personagem reage aos paradigmas femininos com que se depara ao longo de sua vida.

Faz parte de sua vida dona Eliza, Niki Athouguia e posteriormente as senhoras Eglantina e Henriqueta. Cada uma dessas mulheres representa um universo feminino particular, ou seja, são ligadas ao conservadorismo ou modernas em maior ou menor grau e vão influenciar na visão de mundo de Vera, uma adolescente em processo de formação de sua identidade.

O desfecho do romance apresenta a síntese da gama de valores com que a protagonista se deparou ao longo de sua vida, o que pode ser visto na caracterização de sua avó fictícia, dona Eglantina, e a posterior canalização dessas características ideais em dona Henriqueta, que embora pertencessem a uma geração em que valores patriarcais restringiam com veemência o espaço feminino, são mulheres ativas, que fogem ao estereótipo exigido em uma sociedade conservadora.

Sendo assim, o processo de formação da identidade de Vera vai se consolidando, conforme a personagem reage aos paradigmas femininos com que se depara ao longo de sua vida. Isso denota que Alice Vieira se apropria de temas que propiciam discussões na realidade contemporânea e os aborda na construção de suas narrativas, que vão desencadear, por exemplo, o protagonismo feminino.

## Referências

- CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Literatura e Sociedade**. 8. ed. São Paulo: Publifolha, 2000
- CARVALHO, Olga Maria Teixeira de. **Adolescência e feminino na narrativa ficcional juvenil de Alice Vieira**. 2012. 116 f. Dissertação (Mestrado em Línguas, Literaturas e Culturas) – Departamento de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro, Aveiro, 2012.
- GENETTE, Gerard. **O discurso da Narrativa**. Tradução De Fernando Cabral Martins. Lisboa: Arcádia, s.d.
- MAAS, Wilma Patrícia Marzari Dinardo. **O cânone mínimo: o bildungsroman na história da literatura**. São Paulo: Unesp, 2000.
- PINTO, Cristina Ferreira. **O bildungsroman feminino: quatro exemplos brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- SALES, José Batista. **A personagem a procura de si e os níveis de narração em O casamento de minha mãe, de Alice Vieira**. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. 16. 2007. Anais. Campinas: Unicamp, 2007. Disponível em: <[http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes\\_anteriores/anais16/sem08pdf/sm08ss05\\_09.pdf](http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem08pdf/sm08ss05_09.pdf)> Acesso em: 05 ag. 2016.
- SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. **Literatura infantil e gênero: subjetividade e autoconhecimento**. *Conjectura*, v. 14, n. 2, p. 155-165, maio/ago. 2009
- VIEIRA, Alice. **O casamento da minha mãe**. Lisboa: Caminho, 2005